



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ARNALDO MARTIN SZLACHTA JUNIOR

O CINEMA NA SALA DE AULA

UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA DE MARC FERRO.

LONDRINA
2008

ARNALDO MARTIN SZLACHTA JUNIOR

O CINEMA NA SALA DE AULA

UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA DE MARC FERRO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) como requisito parcial para obtenção da graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. William Reis Meirelles

LONDRINA
2008

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S998f Szlachta Junior, Arnaldo Martin.
O Cinema na sala de aula : uma análise a partir da obra de
Marc Ferro / Arnaldo Martin Szlachta Junior. –
Londrina, 2008.
37 f.

Orientador: William Reis Meirelles.
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de História Universidade Estadual de Londrina, Centro de
Letras e Ciências Humanas, 2008.
Inclui bibliografia.

1. História – Estudo e ensino – TCC. 2. Cinema na educação – Ensino de História – TCC. 3.
Meirelles, William Reis. I. Meirelles, William Reis. II. Universidade Estadual de Londrina.
Centro de Letras e Ciências Humanas. III. Título.

CDU

FOLHA DE APROVAÇÃO

Arnaldo Martin Szlachta Junior

O Cinema na Sala de aula: Uma análise a partir da obra de Marc ferro.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) como requisito parcial para obtenção da graduação em História.

Aprovada em: 11 de Dezembro de 2008

Banca Examinadora:

Prof. Dr. William Reis Meirelles

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Marlene Rosa Cainelli

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Dedico esse trabalho minha família: minha mãe: Maria Terezinha Caetano Szlachta como exemplo maior e referência do que conheço como amor, ao meu irmão Ygor Szlachta que a cada dia tento mostrar o caminho do conhecimento, e em especial a memória de meu pai Arnaldo Martin Szlachta, o homem que mais acreditou e sonhou o impalpável.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por cada momento vivido nesse período e pela força para o término deste curso.

A meu orientador Prof. Dr. William Reis Meirelles, pela disponibilidade, atenção e paciência em todas as etapas deste trabalho.

À minha namorada Débora Juliana Shirnev, pelo apoio, amor, confiança e paciência ao longo do curso.

A toda minha família em especial a minha avó Júlia Alves Caetano que é para mim exemplo vivo de dedicação, as primas Gisele Alves e Giselda Alves que sempre acreditaram e me ajudaram encontrar o rumo desse caminho.

Aos amigos de ontem e sempre Jefferson Cione, William Cione, João Henrique Bim da Cruz, Eric Alvim Belo Hirayama, Marcelo Ferraz Arruda, Rafael Ferraz Arruda, Rogério Ferraz Arruda, Aneliza Paiva e Elias Issamu Ishizaka, pelo companheirismo incansável nesta trajetória.

Aos amigos da nova fase Leonardo Nickson da Silva, Diego Monteiro Ferreira, Robson Roberto da Silva, Bruno Sanches Mariante da Silva, Carina Dias de Freitas, Antônio Marcos Nunes Oliveira, Fernando Souza Viana, Arlindo Neto e Carlo Alessandro Galdino de Cruz e Melo que estiveram presentes e dispostos com laços de amizade nas horas mais incertas.

A todos os mestres com os quais tive contato durante o curso que me proporcionaram uma nova concepção acerca do estudo de História.

E a todos aqueles que de certa forma contribuíram para esse trabalho.

A todos, meu muito obrigado.

" Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação".

Charles Chaplin

"O cinema é o modo mais direto de entrar em competição com Deus".

Frederico Fellini

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo expor as possibilidades e abordagens do filme como documento histórico presente na obra de Marc Ferro, propomos uma discussão à luz dessa abordagem em relação à especificidade ao ensino de história. Pretendemos trabalhar de que formas essa abordagem contribuiu para enriquecermos a questão relativa a uma das especificidades do trabalho do profissional em História, a atuação em sala de aula, aliada a utilização do cinema como uma ferramenta inovadora, motivadora e capaz de abordar várias competências e habilidades metodológicas na produção do saber histórico.

Palavras-chave: Cinema em sala de aula, Cinema e História, Cinema e educação, Ensino de História

ABSTRACT

This work that objective expose the chances and approach of the film that document historical present on work of Marc Ferro , proposing a discussion in the light of that approach in relation to on the specifics the school of history. We want to work of what forms this approach contributory about to enrich the question relative to one of the specifics of the work of the professional at History , the multi-skilled at classroom , ally the utilization of the movie like a tool innovative , motivated and capable of go aboard various abilities and skills procedural on production of the know historical.

Key-words: Cinema well into classroom, Cinema and History, Cinema and education, school history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
-------------------	-----------

1. PERSPECTIVAS ORIENTADORAS

1.1 O que entendemos como História	13
1.2 História e Cinema em Marc Ferro	17

2. INVESTIGANDO RELAÇÕES E CONSTRUINDO CONEXÕES

1.1 Filmes, História e Educação	23
1.2 Possibilidades de usos do cinema em aulas de História	28

CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
-----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
-----------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O fazer dos historiadores é característico pela necessidade de desconstruir e reconstruir o passado, por mais presente, ou próximo que este esteja. Como nem sempre vivenciamos o processo histórico estudado, nossa tarefa é procurar por fragmentos, vestígios, e, por meio destes, elaborar relatos possíveis. Ao escolhermos determinado objeto de pesquisa, conseqüentemente, consideramos uma teoria, que fornece bases para se pensar em métodos de acordo com os quais nos movimentaremos em meio às fontes. Por isso, aqui pretendemos trabalhar as questões relativas à natureza da história em diálogo com o olhar lançado aos objetos, métodos e fontes.

José Carlos Reis propõe que se deve tratar a possibilidade de conhecimento histórico como problema. Isto no sentido de que se faz necessário questionar a possibilidade da história tocar seu objeto, os “homens no tempo”, partindo da possibilidade do nada ao ser. Assim, buscamos pensar aqui perguntando continuamente, sabendo que nosso problema, e as possibilidades que se investiga são partes, e fragmento do todo, sendo na totalidade do fragmento que buscamos um sentido para nossa pesquisa.¹

Dessa forma pretendemos trabalhar a produção do conhecimento histórico, com uma perspectiva construída em meio à constante mudança do mundo, mas que busca atingir uma possibilidade de verdade, uma verdade histórica, produto de um tempo-espaco específico. Assim, concordamos com Reis, quando este afirma que a verdade histórica, é fundamentalmente histórica, não existindo métodos nem histórias definitivas que alcancem uma “verdade absoluta no tempo”. Ao contrário, tendo em vista que cada presente articula uma visão parcial e original do passado e do futuro, que cada historiador carrega em sua produção as marcas de sua própria construção social e individual, sua “data” e sua “pessoa”.²

Assim, buscamos estabelecer uma periodização ao trabalho, sabendo que esta é artificial, e apenas uma dentre as diversas possibilidades de se abordar o objeto,

¹ REIS, José Carlos. **A Especificidade Lógica da História**. In: **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2ª edição. p.97. 2005. ² REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 6ª edição: p.11. 2003.

mas que, ao mesmo tempo, é uma prática inerente à reflexão historiográfica que, de forma alguma, invalida nossa pretensão investigativa e argumentativa.

Buscamos neste trabalho uma reflexão sobre os usos do filme em sala de aula. Nossa proposta é estudar especificamente a contribuição de Marc Ferro para o uso do cinema em História, porém, nos valendo da importante contribuição deste autor para este debate, e direcionando nossos esforços para questionar sobre possibilidades do uso do filme em salas de aula, na História.

Ao definir as estratégias de abordagem, buscamos uma análise a partir da pergunta básica, o que entendemos por história? De que forma o nosso problema se situa no âmbito do debate histórico a respeito da possibilidade do fazer história hoje.

No primeiro capítulo, "*Perspectivas Orientadoras*", vamos analisar a partir de um diálogo conduzido por nossas orientações entre Boaventura de Souza Santos e José Carlos Reis, de que maneira a história se desenvolveu enquanto processo histórico. Situamos nossa proposta assim, com um segundo momento deste capítulo, a partir de uma abordagem sobre a possibilidade de relação entre História e Cinema em Marc Ferro.

É nossa intenção assim, em um primeiro momento refletir mais detidamente sobre a própria construção do conceito de História. Posteriormente nos questionando a possibilidade da utilização do cinema em história, dessa forma buscando compreender de que forma é possível um diálogo visando à prática do ensino de história?

No segundo capítulo, "*Investigando Relações e Construindo Conexões*", tendo em vista os fatores acima destacados, e considerando a complexidade que as questões sociais vêm assumindo nas últimas décadas e seus reflexos no ensino da História, propomos um problema que diz respeito a uma breve abordagem sobre a constituição a constituição da relação entre Cinema, História e Ensino historicamente. Qual a historicidade do que hoje conhecemos como cinema? Seguindo a proposta do historiador francês Marc Ferro – pesquisador do ensino da história por intermédio da linguagem cinematográfica – estaremos propondo aqui duas vias para a leitura do cinema: uma leitura histórica do cinema e leitura cinematográfica da história².

² A primeira correspondendo à leitura do filme através da história, ou seja, na direção em que foi produzido; a segunda, como uma leitura do filme enquanto um discurso do passado, a história lida pelo cinema. FERRO FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.19. 1992.

Pensamos assim sobre qual a possibilidade do cinema como fonte, produto, como atividade e prática social a ser apropriado pela disciplina histórica?

Esta problematização que construímos nos possibilita uma base teórica confiável a fim de que possamos trabalhar com as possibilidades do uso do filme em sala de aula de História. Entendemos aqui que nosso trabalho com o cinema irá se resumir a uma das faces deste, que é o filme, não ignorando outras, como a estética, por exemplo. Estamos cientes também de que entendemos que a possibilidade da adequação do filme na sala de aula deve condicionar-se à existência de uma sala, tela, projetor, vídeo, DVD e som. Porém não é nossa intenção trabalhar detidamente sobre estas questões, muito menos oferecer um “manual” sobre a utilização do filme em sala de aula.

Buscamos sim a partir desta proposta uma reflexão sobre a proposta de apropriação por parte da História do cinema como documento na esteira do debate em Marc Ferro. E, a partir disto então enfatizar a questão que perpassou as questões propostas, que é sobre quais as possibilidades do ensino de História na disponibilização para os estudantes das ferramentas e procedimentos do historiador, tratado como uma preocupação didática³ a partir da utilização dos filmes em sala de aula para produção de conhecimento histórico?

CAPÍTULO 01. PERSPECTIVAS ORIENTADORAS

1.1 O que entendemos como História

Não há pesquisa histórica empírica sem o apoio implícito ou explícito da teoria e a teoria é estéril sem a pesquisa histórica. Uma se articula com a outra e se constituem reciprocamente.
José Carlos Reis

Hoje em dia, quando pensamos em História, colocamos como ponto inicial do debate, uma reflexão. Aqui, também pretendemos uma reflexão, que seja uma luz com a qual possamos iluminar os caminhos que percorreremos ao longo de nossa

³ Entendidos a partir de apropriações diversas da pesquisa histórica, em sintonia com as necessidades cotidianas das pessoas em geral. BERGMANN, Klaus. **A história na reflexão didática**. Tradução de Augustin Wernet. Revisão de Marcos A. Silva. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, n.19: 29-42. Set. 1989 / Fev. 1990.

pesquisa. Dessa forma nossa intenção é um pensar a prática da História a partir de pressupostos nos debates sobre Teoria da História. Como observa José Carlos Reis⁴, e nós concordamos com ele, uma pesquisa histórica empírica deve estar em diálogo com a teoria da história a fim de construir uma possibilidade de conhecimento histórico ao mesmo tempo em que apresenta os passos percorridos na prática da pesquisa.

Nesse sentido nos perguntamos, por quais caminhos se construíram as perspectivas orientadoras da pesquisa histórica em nosso presente? Quais possibilidades de discurso acessamos ao empreender nossa prática da pesquisa histórica?

Segundo Boaventura de Sousa Santos, doutor em sociologia do direito pela Universidade de Yale e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, vivemos em um tempo de transição onde coexistem vestígios do passado e possibilidades de futuro, um tempo presente “descompassado em relação a tudo o que o habita”⁵. Dessa forma, segundo o autor, faz-se presente o questionamento sobre as relações entre a ciência e o valor dos conhecimentos que usamos para dar sentido às nossas práticas.

Em uma perspectiva diagnóstica, Boaventura traça uma historicidade do debate na ciência histórica⁶. Para este autor, é a partir da construção de um modelo de racionalidade das ciências naturais, dominante no século XVI e no XIX, que surge um paradigma dominante refratário a qualquer outro dogmatismo e autoridade expandido também para as ciências sociais. A ciência moderna dessa forma se baseava em referências da matemática e na possibilidade de medir e observar com rigor. O conhecimento científico avançava assim tendo por pressuposto uma “estabilidade do mundo”, onde a observação descomprometida e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenômenos naturais era a possibilidade de descoberta de leis universais.

Conhecer significava de acordo com Boaventura, dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. Pretendia-se

⁴ REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2ª edição. 2005.

⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 7ª edição. p.6, 1995.

⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 7ª edição. 1995.

neste “paradigma”, um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos. As leis da ciência moderna seriam um tipo de causa formal que privilegiaria o como funciona das coisas, em detrimento de qual o agente ou qual a finalidade destas. Com isto, Boaventura acredita que o conhecimento científico rompe com o conhecimento dito de senso comum. E, José Carlos Reis, avaliando este debate, escreve que:

[...] A história, portanto, lutando contra a ficção, o lendário e o falso, aproxima-se da ciência. Ela procura imitá-la em seu controle da linguagem e em seu controle da prova. Ela se inspira em seu espírito rigoroso e em sua busca da objetividade. Ela também aspira a apreensão e o domínio da realidade empírica. [...] ⁷

A partir desta perspectiva podemos entender então que a história buscava neste contexto os chamados fatos concretos, documentos, almejando o estabelecimento de leis gerais do desenvolvimento histórico, em sincronia com o paradigma de racionalidade das ciências naturais, empirista e indutivista. Procurava-se com isso uma ruptura com a inspiração artística, a especulação filosófica e a fé.

Porém, como ressalta Reis, a história da história é um caleidoscópio, existindo em permanente crise, autodefinindo-se vagamente há cerca de 2500 anos. Neste sentido, este paradigma tomado de empréstimo das ciências naturais também encontrou seu momento de crise, primeiro nas ciências naturais e em decorrência no modelo de ciência que se buscava neste momento aplicar à história. Colocava-se em dúvida assim as possibilidades de racionalidade e objetividade do conhecimento histórico baseadas nos pressupostos das ciências naturais⁸.

Assim, Boaventura conclui que esta crise abriu novos horizontes, e, em vez do determinismo, colocava em pauta a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente. A noção de lei vinha a ser parcial e sucessivamente substituída pelas noções de sistema, de estrutura, de modelo e, por último, pela noção de processo.

⁷ REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2ª edição. p. 56-57, 2005.

⁸ Não é nosso foco nos ater a este debate, para um maior aprofundamento nestas questões, indicamos a leitura de “Um discurso sobre as ciências” de Boaventura de Souza Santos, e “A especificidade lógica da história” de José Carlos Reis, onde existe uma discussão aprofundada sobre o desenrolar pormenorizado desta crise.

Os limites deste tipo de conhecimento constituído a partir da crise seriam então qualitativos, e não superáveis apenas com maiores quantidades de investigação ou maior precisão dos instrumentos, pois a própria precisão quantitativa do conhecimento é estruturalmente limitada. Assim, Reis propõe que a explicação histórica não pode ser uma lei, ou uma explicação revestida de pressupostos dedutivos, pois, em história, o encadeamento dos eventos é imprevisível. Novas informações e vestígios de passado estão assim alterando constantemente as relações que se tinha entre os dados anteriores, que se supunha conhecer. Sendo assim, Reis constata que:

[...] O passado não fala por si, mas através do que conhece dele. [...] O historiador não está condenado a registrar fatos, a constatá-los. Ele raciocina sobre eles, busca sua inteligibilidade, atribuindo-lhes sentido, pensando as possibilidades objetivas e os seus desdobramentos. Afinal, pensar não é registrar, mas considerar caminhos possíveis, alternativas. A crítica erudita, a apuração e o estabelecimento de fatos é condição necessária, mas não suficiente para uma ciência histórica. É preciso construir um juízo histórico, atribuir um sentido aos fatos.⁹

Dessa maneira, história é sempre o produto de uma síntese pessoal que busca uma verdade no tempo, revestindo o saber que produz de historicidade. O conhecimento histórico nesta perspectiva mostra o transcurso, é um conhecimento da mudança. E, nós historiadores, pensando nesta ótica, estamos em nosso trabalho procurando investigar o passado no intuito de construir relações entre os vestígios de passado nossa visão e nossos questionamentos no presente, articulando perspectivas e possibilidades de futuro.

Como salienta Boaventura, a distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais não tem mais sentido. Todas as novas teorias das ciências naturais introduzem o conceito de historicidade e de processo, de liberdade e autodeterminação. A superação da dicotomia tende assim a valorizar os estudos humanísticos. A concepção humanística das ciências sociais enquanto agente catalisador da fusão entre ciências naturais e ciências sociais coloca a pessoa no centro do conhecimento e coloca a natureza no centro da pessoa.

A ciência nesta perspectiva é autobiográfica, sendo esse caráter visível ao demonstrarmos os caminhos que sugerimos na pesquisa. A incerteza do

⁹ REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2ª edição. p. 54, 2005.

conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada à sucessiva superação, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser investigado. Assim, ressubjetivado, o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático, na avaliação de Boaventura¹⁰.

O que queremos dizer com isso, a partir deste diálogo, é construir uma possibilidade de discurso que produza conhecimento histórico, e que esta produção esteja articulada com a possibilidade de produção científica, sem, no entanto se encarcerar de sua relação com o mundo. Objetivamos aqui um conhecimento que, em sintonia com a preocupação expressa por Boaventura, se aproximando do chamado senso comum com vistas a ampliar a possibilidade de conhecimento, traduzindo-se também em uma sabedoria de vida. Sendo historiadores, e tomando o conhecimento histórico como problema, na sugestão de José Carlos Reis, buscamos aqui uma produção ciente da sua historicidade, que busca explicitar os caminhos que nos levam à construção das argumentações aqui pretendidas sobre as relações entre cinema, história, e ensino de história.

1.1 História e Cinema

Abrimos neste ponto um debate que diz respeito à relação entre cinema e história, no intuito de conferir historicidade à nossa análise posterior. Neste intuito, coloca-se a pergunta: de que forma pretendemos pensar o cinema? Como podemos compreender esta relação que colocamos entre cinema e história?

Propomos trabalhar o cinema nesta monografia pensando este enquanto documento histórico. Não pretendemos caminhar assim por outra dimensão do cinema – sabendo que existe uma série de outras dimensões com a estética, por exemplo – que não a de buscar entender o cinema, e mais especificamente aqui o filme como objeto histórico apropriado para utilização em sala de aula.

Buscamos assim trabalhar uma historicidade da relação entre cinema e história na perspectiva de Marc Ferro. Em sua obra *Cinema e História*, Ferro estabelece contatos iniciais para apropriação do cinema como um documento histórico,

¹⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 7ª edição. 1995.

apontando assim alguns caminhos sobre a utilização do cinema na dimensão da História, com possibilidades de contribuir para a historiografia.¹¹ O autor coloca então a seguinte observação sobre a análise do filme histórico em sua obra:

Ele (o filme) está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza.¹²

Podemos dizer assim que Marc Ferro reconhece a película como um “testemunho”, e, estando ciente das intervenções que acontecem na produção desta, dos recortes para sua concepção final. O autor aponta então para o que está não só explícito, mas também implícito, diferenciando o que não é filme propriamente dito, mas, reconhecendo ali, também, na autoria, produção, público, uma representação da sociedade que produz o filme, segundo este:

Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações pessoais, seu estatuto dos objetos e dos homens [...]¹³

Desta forma, tais imagens em movimento trazem constatações e, para uma análise mais efetiva do cinema como um documento histórico é necessário que se perceba e reconheça o caráter hipnótico que a grande tela exerce nos espectadores, respondendo anseios afetivos e perceptivos. Daí uma necessidade de se distanciar do filme como entretenimento, pois, ao historiador cabe a função de adentrar os limites que a obra revela, tentando, de alguma forma, compreender o que de fato é histórico.

Pesquisando sobre a relação entre cinema e produção de conhecimento em História, Cristiane Nova, aborda em seu artigo¹⁴ que o pesquisador deve procurar extrair significados *ocultos*, isto é, ir além das imagens e buscar elementos da realidade histórica através da ficção; indo além do que está sendo na superfície e,

¹¹ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 83, 1992.

¹² *Op. Cit.* p. 83.

¹³ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.17, 1992.

¹⁴ NOVA, Cristiane. **O cinema e o conhecimento da História**. In: O Olho da História. UFBA, nº3. Disponível em <http://www.oohodahistoria.ufba.br>. Acesso em 02/02/2008.

assim, adentrar rumo à análise e compreensão das entrelinhas do filme. Neste sentido, é algo que vai ao encontro da proposta de Mônica Kornis ao afirmar que “o filme não pode ser visto como uma reprodução fiel da realidade”¹⁵.

Sendo assim é justamente ao trabalhar este ponto – onde buscamos delimitar a forma como pretendemos pensar o cinema na tentativa de compreender e estabelecer uma relação entre cinema e história – que colocamos a especificidade da nossa proposta. Interessa-nos assim investigar a relação entre o filme e sua utilização na sala de aula para o ensino de história.

Eric Hobsbawm em seu livro *Era dos Extremos*, nos traz uma análise frutífera para o debate que propomos aqui, com relação às transformações que o século XX pôs em evidência¹⁶. Segundo o autor, assistiu-se a uma mudança notável na maneira como um vasto número de pessoas vivia, como resultado de inovações tecnológicas, médicas, sociais, ideológicas e políticas. A guerra alcançou escala sem precedentes e alto nível de sofisticação e, as tendências de mecanização de bens e serviços e redes de comunicação global, que haviam sido iniciadas no século XIX, continuaram em crescimento cada vez mais acelerado no século XX.

Seguindo a linha de análise deste autor, filmes, música e a mídia tiveram uma grande influência na moda e nas “tendências” ditadas para todos os aspectos da vida do sujeito. Hoje, podemos então afirmar, estaríamos vivendo uma era das imagens. Nesta, a todo o momento somos bombardeados por novos filmes, documentários e telejornais que mostram informações em alta rotatividade, que chegam até nós sem que em nossas mentes tenhamos tempo para processá-las.

Marc Ferro, ao refletir sobre a gênese do cinema, em início do século XX coloca que:

[...] Por um lado, ele foi considerado como uma máquina de vanguarda pelos sábios e técnicos. Via-se nele o instrumento registrador do movimento e de tudo aquilo que os olhos não podem reter. Por outro lado, o filme era completamente ignorado enquanto objeto cultural. Produzido por uma máquina, como a fotografia, ele não poderia ser uma obra de arte ou um documento. [...]¹⁷

¹⁵ KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 237-250.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁷ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.71, 1992.

Quando trazemos assim o filme para a sala de aula, nós devemos ter em mente a responsabilidade que esta atividade implica. Ao admitir o valor documental do cinema, o historiador que pretende fazer uso de tal material, deve buscar construir questões relativas então à relação do cinema com a realidade. Estas problematizações se tornam fundamentais para a pesquisa histórica, na medida em que suas respostas convertem-se em bases teóricas que ditarão os parâmetros para criação e aplicação de uma metodologia adequada.

Sabemos que a partir de meados do século XX as ciências humanas passaram por uma profunda reformulação¹⁸ que teve relação direta com a maneira pela qual os historiadores produziam e analisavam seus documentos. Tal movimento deve grande contribuição, sobretudo aos chamados “*Annales*”. Este grupo pretendia uma proposta onde se desenvolveria uma história articulada em torno de problemas, ou, como nos escreve Mônica Kornis, citando Jacques Le Goff:

No limite, não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo [...] é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem (do documento), desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos¹⁹

Ao salientar este ponto, concordamos com Mônica Kornis observando que se dava ênfase então a exigência de uma crítica documental mais apurada, deixando de lado concepções que pretendiam a transparência do documento que embasava muitos cineastas e teóricos do cinema em meados da primeira metade do século. Segundo a autora, o que se pretendia agora era deixar de lado a crença de tais cineastas e teóricos onde o cinema aparecia como se fosse um espelho que refletia de maneira imediata, pura e simples a realidade e a verdade.²⁰

Assim ao documento, no caso o filme, pretende-se um entendimento do mesmo como uma construção do real. Uma construção da realidade que a altera por

¹⁸ Faço referência aqui à questões levantadas, por exemplo em Boaventura de Sousa Santos, como a descoberta da relatividade do conhecimento científico e a provisoriedade de suas verdades por parte das ciências, como já previamente trabalhado no item anterior.

¹⁹ KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, p.02, 1992.

²⁰ *Op. Cit.* p. 4-5.

intermédio de uma articulação entre a imagem, palavra, som e movimento, localizados em um dado contexto histórico. É uma concepção de cinema como construção, possuindo, obviamente, suas peculiaridades.

Nesta linha de entendimento trabalha, dentre outros, Marc Ferro, certamente uma das maiores referências no campo da história quando se trata do uso do cinema com fonte. Ferro não pretende analisar o cinema de uma perspectiva artística, sua pesquisa é no sentido de entender o filme não como a partir do ponto de vista da “semiológica” ou “estética”, não tratá-lo somente como obra de arte, mas sim como produto, “uma imagem-objeto”.²¹ Ferro trabalha com certas dicotomias embora veja o cinema como uma montagem, busca sempre o real que se camufla por trás dela.

Até meados do século, o cinema ainda não fazia parte do universo do historiador, pois não era, por assim dizer, útil para seus trabalhos. Para historiadores ditos “tradicionais”²², por exemplo, preocupava mais as disputas pelo poder político e a mobilização dos cidadãos para guerras; aos de tendências marxistas, interessava mais questões sobre fundamentos do processo histórico e análise dos modos de produção e da luta de classes. Como ressalta Ferro, até mesmo porque, neste momento, o cinema não era muito apreciado pelas pessoas ditas “cultas”²³.

Entretanto por volta dos anos 1970 o cinema se consolida como arte de massa, e passa a influenciar decisivamente nas maneiras como as pessoas percebiam e estruturavam o mundo²⁴. O filme conquistava então cada vez mais espaço se disseminando e despertando o interesse dos historiadores de então que já buscavam trabalhar com sistemas de crenças e imaginário como objetos da História. Ao estudar a análise de Ferro, observamos que muitos então se propuseram a investigar o cinema na tentativa de desvendar a complexidade de sua linguagem e a relação que possuía com o seu contexto de produção.²⁵

²¹ FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.87, 1992.

²² Não é nossa intenção aprofundar este debate, para uma análise mais aprofundada vale a consulta ao artigo de José Carlos Reis: REIS, José Carlos. **A História Metódica, dita “Positivista”**. In: PósHistória. Assis, SP: Editora da UNESP, n°3, p. 41-56. 1995.

²³ FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 79-115, p. 82-84, 1992.

²⁴ KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n° 10, p.01, 1992.

²⁵ FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 79-115, p. 83-86, 1992.

Hoje, ao levantar esta possibilidade de análise, perguntamo-nos então quais as implicações metodológicas que podemos observar e aplicar quando pensamos em uma análise do filme como documento histórico? Marc Ferro nos ajuda pensar sobre isso, entendendo a relação entre Cinema e História sempre em um movimento duplo, ambíguo; entre texto e subtexto; moderno e arcaico; presente, passado e futuro; interação múltipla entre vários textos simultâneos.

Caberia assim ao historiador tentar perceber as intenções do realizador, seu ambiente histórico e cultural, que lançam a luz sobre o próprio filme. Pensar o filme como fonte e assim entendê-lo como algo sempre incompleto devendo ser lido de acordo com a sua época, de acordo com os valores, projetos e gostos que permeiam sua produção. Com isso o cinema nos possibilita pensar que as imagens se fundem em nossa consciência numa cena total, embora não sejam as partes de um imutável mosaico existente, nem nunca poderiam ser transformadas numa imagem englobante e única. Marc Ferro sublinha então que:

O historiador tem por função primeira restituir à sociedade a História da qual os aparelhos institucionais a despossuíram. Interrogar a sociedade, pôr-se a sua escuta, esse é, em minha opinião, o primeiro dever do historiador.[...] ²⁶

Desta forma, entendemos que o esforço do historiador deve estar concentrado no combate à mistificação e também em confrontar as diferentes possibilidades de discurso em História, que, com isso, possibilite uma “realidade não visível”. O historiador que pretenda um uso da obra cinematográfica, com toda sua riqueza e potencial, não deve apenas compreendê-la à luz dos seus próprios valores, deve sim buscar o universo e as circunstâncias próprias de onde a obra partiu.

²⁶ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.76, 1992.

CAPÍTULO 02. INVESTIGANDO RELAÇÕES E CONSTRUINDO CONEXÕES

2.1 Filmes, História e Educação

A presença de filmes no desenvolvimento dos estudos históricos é tratada, principalmente como documento de análise conforme pudemos notar até o momento, na ênfase dada pela abordagem de Marc Ferro²⁷. De acordo com este autor o cinema tem conquistado cada vez mais espaço na pesquisa histórica e a análise da historicidade das obras cinematográficas aparece como recomendação fundamental para a comparação entre filmes e comparação da recepção de um mesmo filme em épocas distintas.

A abordagem proposta por Ferro é de grande relevância para o trabalho acadêmico, mas deixa à margem a especificidade relativa ao ensino de história, tratando do filme como fonte/documento histórico voltado para pesquisa. Pretendemos investigar aqui então de que formas a abordagem de Marc Ferro contribuiu para enriquecermos a esta questão relativo a uma das especificidades do trabalho do profissional em História além da pesquisa, que é o ensino.

Quando falamos em termos de Brasil, podemos notar que a relação entre cinema, história e educação, só vem a adquirir dimensões significativas, com professores se utilizando regularmente dos filmes em sala de aula, quando, por exemplo, os caros projetores são substituídos por ágeis, e mais baratos, videocassetes e televisores. Desta maneira, em meados dos anos de 1980, os filmes passam a integrar mais constantemente as práticas pedagógicas e se fazem presentes definitivamente a partir do aumento da disponibilidade e acessibilidade nos anos 1990, conforme estudo de Setton.²⁸

O caminho que se construiu até estas possibilidades em fins do século XX no Brasil, não foi no entanto tão simples. Nas primeiras décadas do século, a relação entre cinema e educação colocou em pauta um intenso debate através de publicações da imprensa diária e em revistas especializadas de diversos setores sociais, tais como

²⁷ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

²⁸ SETTON, Maria da Graça Jacintho (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

educadores, cineastas, políticos, membros da igreja católica e de movimentos anarquistas²⁹.

Abordando sucintamente pontos deste debate, podemos notar que os anarquistas buscavam reflexões sobre os usos do cinema como instrumento a serviço da educação do homem do povo e da transformação social devendo este se converter em arte revolucionária. Por outro lado, o pensamento católico também se dedicou à questão do cinema educativo, mas, a ênfase estava nas questões morais dos filmes exibidos. Os educadores tinham por proposta a criação do cinema educativo que, na perspectiva deles poderia trazer avanços pedagógicos na relação com os alunos, ao mostrar de forma mais real a diversidade de aspectos do Brasil; representaria uma luta contra o cinema "deseducador" e "portador de elementos nocivos e desagregadores da nacionalidade" ³⁰.

Em um contexto mais geral, a possibilidade de utilização do cinema na forma de instrumento pedagógico, doutrinário ou de propaganda já estava colocada neste mesmo início do século XX, também em outros países, independentemente da ideologia que pregavam como: Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, União Soviética, Canadá. Ao analisar a relação entre cinema e o poder soviético, por exemplo, Marc Ferro afirma que expressões como "apoderar-se do cinema", encontravam-se facilmente entre os altos escalões do governo soviético:

[...] o cinema educativo, o cinema científico e de animação ocupam um lugar privilegiado no programa cultural [...] o documentário, o cinema 'para os camponeses', o documento-cinema são considerados igualmente como essenciais³¹.

O que podemos apreender da análise de Ferro, é que o uso do cinema como veículo de propaganda, doutrinação e falseamento do passado se fez presente ao

²⁹ Nossa intenção aqui não é se prender as minúcias deste problema, para tanto existem trabalhos que fazem uma análise mais profunda a respeito, ver: FIGUEIRA, Cristina Aparecida. **O cinema do povo: um projeto da educação anarquista, 1901 - 1921**. São Paulo: PUC-SP Dissertação de Mestrado, 1995. Também: MORRONE, Maria Lúcia. **Cinema e educação: a participação da "imagem em movimento" nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares**. São Paulo: FE/ USP, dissertação de mestrado, 1997.

³⁰ TELES, Ângela Aparecida. **Cinema contra cinema: o cinema educativo em São Paulo nas décadas de 1920/1930**. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 1995

³¹ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.27, 1992.

longo de nossa história neste século XX. Ou seja, tanto no caso do citado cinema soviético buscando glorificar o socialismo; ou dos cinemas nazista ou americano³², por exemplo, estudiosos do tema, como Marc Ferro, perceberam a contribuição do filme para fins políticos e ideológicos.

Marc Ferro percebe, ainda ao se deter no estudo do caso soviético³⁴, que após o triunfo da Revolução Russa, os comunistas utilizaram o cinema como instrumento de propaganda. Do ponto de vista histórico, em filmes como *O encouraçado Potemkin* e *Alexandre Nevsky*, ambos de Eisenstein, muitos fatos foram distorcidos e até alterados para se unirem aos objetivos políticos propostos, era o cinema a serviço de uma causa.

Feita esta contextualização, importa-nos voltando agora mais especificamente para a relação entre cinema e o ensino de História no Brasil. A relação do cinema com o ensino de História no Brasil, há algumas décadas vem ocorrendo, por exemplo, a partir da já citada tecnologia da TV, videocassete e da fita VHS, (isto em meados, principalmente, das décadas de 1980 e 1990) aonde os filmes no âmbito educacional vêm transformando a sala de aula em “sala de cinema”.

Essas mudanças podem ser creditadas a práticas pedagógicas cada vez mais comuns e constantes nas instituições de ensino. De um modo geral implementadas por instituições privadas e públicas, a prática de utilização dos filmes visa o trabalho dos professores em seus espaços educativos no intuito de apresentarem e debaterem assuntos relativos ao conteúdo de suas disciplinas, em nosso caso, a História. Seguindo esta linha de pensamento proposta por Eduardo Paiva, observamos que, no entanto, para os professores utilizarem-se do cinema de forma não somente instrumental, enriquecendo a relação do cinema com o ensino de História, se faz necessário que:

As imagens (audiovisuais) deixem o lugar de meras ilustrações para se tornarem chaves de memória através das quais professores e alunos poderão mergulhar no passado e na História. Elas poderão

³² A Alemanha Nazista e a Itália Fascista também atribuíram um estatuto privilegiado ao cinema como educação das massas e propaganda ideológica, tendo sido criados departamentos cinematográficos vinculados diretamente ao Estado. A estes dois modelos de uso do cinema como instrumento político e pedagógico é que, mais comumente, se referiam os formuladores do cinema educativo no Brasil, aparecendo também citações de experiências realizadas nos Estados Unidos e à produção de filmes científicos franceses. FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. ³⁴ *Op. Cit.*

revalorizar aquilo que a maioria dos alunos viu e nunca valorizou, ou cresceu chamando de velharia.³³

Desta forma uma das maiores contribuições da relação entre o uso de filmes na educação, e o ensino de História está no fato dos educadores conseguirem introduzir possibilidades de ensino-aprendizagem diversas. Os educadores podem então construir novas formas de educar, propiciando novos comportamentos em relação à produção do conhecimento.

Renato Mocellin que trata exclusivamente da questão do cinema em aulas de História, segue aproximando esta relação às discussões propostas por Marc Ferro. Mocellin busca ampliar as possibilidades da relação entre o cinema e sua utilização em sala de aula a partir da preocupação em selecionar e fornecer indicações de usos de filmes.³⁴ O autor parte da concepção de filme enquanto documento de Marc Ferro, como já abordamos anteriormente, e propõe estratégias didáticas a partir disto. Os procedimentos, estas estratégias didáticas em diálogo com a abordagem de Ferro, podem ser entendidas a partir da proposta de Mocellin onde enfatiza a necessidade de se comparar, e tomar maior cuidado na análise da produção e contexto do filme, por exemplo.

Ao efetivar uma leitura da obra de Ferro voltada ao ensino, Mocellin proporciona aos professores de história um maior aporte teórico, preocupado com a didática. O autor classifica os filmes não de maneira tradicional – por gênero – mas utilizando-se de uma periodização histórica, por localização espaço-geográfica, e por temas específicos como Inquisição ou Holocausto. Dessa maneira os filmes deixam de ser meros suportes, ilustrações, do livro didático para ser também centro da preocupação e prática pedagógica, devendo assim ser valorizados como meios e fins na produção do conhecimento.

Reconhecemos, no entanto, que não é apenas no âmbito escolar, mais precisamente na sala de aula, que os filmes se transformam em agentes educacionais. Entendemos que para além da escola existem outros espaços onde filmes são veiculados com fins pedagógicos, como podemos colocar, além da sala de aula, a sala de casa e as salas de cinema.

³³ PAIVA, Eduardo França. **Texto e imagem no paradidático de história**. In: Presença Pedagógica, Rio de Janeiro, v. 6, n. 36, p. 19, nov./dez. 2000.

³⁴ MOCELLIN, Renato. **O cinema e o ensino da História**. Curitiba: Nova Didática. 2002.

Assim sendo, os filmes, apresentados ao mundo pelos Irmãos Lumière, em 1895, construíram mentalidades de indivíduos em face da realidade histórica. E, embora não seja nossa intenção aqui ampliar o foco da nossa pesquisa neste momento, cabe ressaltar que analisando os diálogos entre cinema, história e educação, verificamos uma profunda relação do cinema, do filme, com o ensino de História, na medida em que filmes podem ser utilizados no âmbito educacional com finalidades pedagógicas, sejam elas conservadoras, críticas ou transformadoras.

2.2 Possibilidades de usos do cinema em aulas de História

Como salientamos no final do último item deste capítulo, objetivamos até este momento da pesquisa, antes de tudo, compreender como o cinema enquanto tecnologia de informação e comunicação, e como se desenvolveu concretamente ao longo do século XX na sua relação com a História e utilização para fins pedagógicos dentro da sociedade. Entendendo também que a utilização de uma das faces do cinema, o filme, tornou-se forma de conhecimento e não apenas mais uma tecnologia “ilustrativa” no âmbito educacional.

Não temos a intenção aqui de propor um manual, passo a passo, que pretenda determinar o caminho que precisamos percorrer para se valer do uso do cinema na educação. Frisamos também que entendemos que a utilização de filmes em sala de aula não é nova, nem tampouco incomum entre nós, ao contrário, é cada vez maior o número de professores que trazem a filmografia existente para suas aulas. Desta maneira objetivamos aqui uma contribuição a este extenso debate, o qual já pudemos trabalhar nos itens anteriores, no decorrer de nossa pesquisa, tais como as propostas de Marc Ferro para a pesquisa em cinema e história, e a sua apropriação e direcionamento para a educação por Mocellin.

Sabemos que o debate em torno das questões educacionais tem gerado muitas controvérsias, porém, não se pode negar a visível ampliação nas últimas décadas das oportunidades educacionais. Especificamente com relação às práticas escolares, a própria significação do que seria "educação" se aprofundou rumo a entendimentos de que o aprendizado, particularmente para as populações mais jovens, se faz com a contribuição inegável dos meios de comunicação.

Podemos perceber isto a partir do estudo de Fischer³⁵, sobre a questão dos modos de educar e a relação com a mídia, por exemplo, que nos leva a perguntarmos sobre o modo pelo qual construímos o processo de ensino aprendizagem, tanto o nosso, como para o outro. Assim, colocamos a questão sobre de que formas se tornam mais frutíferas abordagens e contextualizações a respeito aqui da utilização do filme, como recurso didático, em sala de aula?

³⁵ FISHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** In: *Educação e pesquisa*, v.28 n.º1, São Paulo jun./2002.

Paulo Emílio Gomes, em seu texto “Crítica do cinema no suplemento literário³⁶”, coloca que hoje os envolvidos com a educação precisam pensar além as práticas em sala de aula também para além deste espaço, pois o processo tradicional de ensino não é mais capaz, sozinho, de realizar a tarefa de atender às necessidades imediatas da sociedade. Assim, ao buscamos analisar cinema, história e educação, temos consciência de que tal relação não se restringe a um espaço físico isolado hermeticamente de influências exteriores, e que neste espaço atuam interesses e saberes além do campo da educação formal, como foi ressaltado no caso da mídia.

A relação entre cinema e educação, inclusive a educação escolar, faz parte da própria história do cinema, onde o que é específico do cinema em relação ao conhecimento é que este está contido na imagem, ou melhor, na edição das imagens. Porém, utilizando-nos do aparato teórico-metodológico que Marc Ferro propõe para utilização do cinema como documento em História³⁷, avançamos no sentido de considerar os conhecimentos e saberes contidos nos filmes, transcendendo o uso do cinema e do audiovisual como mera ilustração, e exemplo.

Desta maneira, o ensino de História pode se valer dessa relação entre Cinema e História, na perspectiva de Marc Ferro, para que se desperte um interesse por certos temas do passado, acreditando ser possível ensinar História por meio do cinema. Nossa proposta é de que o cinema pode ajudar, e muito, no ensino e nas discussões sobre o passado. Porém, entendemos isto desde que se estabeleçam diálogos entre o filme e obras de historiadores profissionais, que se proponha a investigação do filme enquanto documento histórico ao trabalhar este recurso em sala de aula, partindo e compartilhando assim de pressupostos fundamentais para construção de conhecimento em História.

Como pudemos analisar, desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução. Porém seria ingenuidade acreditar que, ao assistir a um filme sobre um determinado tema, você terá um relato que represente o assunto assim como ele aconteceu. Neste sentido,

³⁶ GOMES, Paulo Emílio. **Crítica do cinema no suplemento literário**. V 1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

³⁷ FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

filmes sobre a Revolução Francesa, como, por exemplo, Danton: o processo da revolução, apresentam uma leitura particular da Revolução, segundo a perspectiva de um cineasta, não refletindo necessariamente o que de fato aconteceu. O filme com possibilidade de usos no ensino de História é entendido então como tentativa de reconstituição de um passado que pode ou não coincidir com a visão de boa parte dos historiadores, e também pode ou não coincidir com o, inacessível, fato em si.

O cinema torna-se uma proposta educativa concreta então na medida em que materializa um instrumento de passível de análise e crítica pelas vias das técnicas da ciência Histórica a fim de se produzir conhecimento histórico com os estudantes em sala de aula. O filme então, considerado como uma ferramenta educacional gera a oportunidade de inserirmos em sala de aula a produção de conhecimento pois lida com questões como impressão da realidade, identificação e interpretação.

Entendemos isto a partir da proposta de Duarte³⁸, para quem “[...] ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

As possibilidades de reconstrução e de representação do passado, considerando-se as diferentes temporalidades, exige o desenvolvimento de noções derivadas da interface espaço/ tempo, como: sucessão, duração, simultaneidade, permanências, rupturas, mudanças, etc. Assim, de acordo com Napolitano³⁹ “a utilização do cinema na escola pode ser inserida, em linhas gerais, num grande campo de atuação pedagógica.”

Entendemos assim que a construção dessas noções, como a percepção das nuances do espaço/tempo em História se dá em uma operação múltipla que ocorre principalmente pelo processo de escolarização e que aponta para a compreensão da causalidade histórica. Desta forma, o filme se torna recurso de grande valor para o trabalho em sala de aula uma vez que ao nos propormos utilizá-lo sob a forma de documento, estaremos colocando em pauta para os estudantes questões relativas à relação espaço/tempo e suas formas de compreensão, que é base do entendimento do mundo histórico e da construção de conhecimento histórico.

³⁸ DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., p.17, 2002.

³⁹ NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2.ed. São Paulo:Contexto, p.12, 2005.

Neste sentido, como ressalta Mônica Kornis⁴⁰, para uma utilização efetiva de filmes como documento histórico em sala de aula, o historiador, professorpesquisador, precisará de desprendimento no momento em que pretender a leitura sobre a imagem uma vez que o cinema em si está preocupado primeiramente em atingir as emoções dos espectadores, seu público-alvo, por exemplo. Desta maneira a análise de um filme histórico em sala de aula é um desafio, pois requer uma interpretação que possibilite criações de sentido à história, extraindo do filme as limitações impostas por seus idealizadores, trazendo à tona uma discussão sobre o fato histórico, e as intervenções sofridas devido à sociedade e à época em que foi realizado.

Marcos Napolitano escreve que não existe “fórmula mágica”, nem receitas teóricas que substituam a reflexão e a sensibilidade do professor em relação aos estudantes⁴¹. Assim, na esteira deste pensamento podemos entender, no entanto, que seja fundamental no trabalho com o cinema, filme, em parâmetro documental, a noção de que este não se constitua como gênero investido de autoridade portadora da “verdade histórica”.

O professor deve buscar esclarecer aos estudantes também que a exibição do filme em sala de aula é, antes de qualquer coisa, diferente da exibição do cinema. Pressuposto fundamental também para o trabalho com o filme-documento em sala de aula é assistir ao filme e preparar a aula amparado por um arcabouço teórico, como em nosso caso propomos nesta pesquisa a partir das bases teóricas de Marc Ferro e Renato Mocelin, por exemplo.

Jorge Nóvoa observa que uma “didática inteligente” deve tomar para si a motivação provocada pelos filmes, e a partir disto levar os estudantes à polêmica e ao aprofundamento das leituras.⁴² O professor de História precisa então buscar que o estudante estabeleça relações do conteúdo, do filme, e o seu cotidiano trazendo à sala de aula questões e situações que os estudantes vivenciam quando estão fora do ambiente escolar. Assim o processo de ensino se torna mais dinâmico e abre espaços significativos para a produção de conhecimento histórico.

⁴⁰ KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 237-250.

⁴¹ NAPOLITANO, M. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, p.21, 2003.

⁴² NOVÓIA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história**. In: O Olho da História. UFBA, nº.1. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br>. Acesso em 02/02/2008.

Ao pretendermos uma proposta de utilização do filme em sala de aula não acreditamos que se trata de uma fórmula mágica, como nos lembrou Napolitano⁴³. Não é no espaço de um piscar de olhos que os estudantes conseguirão problematizar e questionar o filme e o mundo em que vivem, isso requer um trabalho sistemático e contínuo a partir da habilidade e dos estímulos desenvolvidos pelo professor. Assim, o professor ao trabalhar a exibição do filme precisa estar ciente dos objetivos em sua utilização como recurso pedagógico, precisa ter claro para si o percurso que pretende percorrer e aonde pretende chegar, devendo para isso preparar seus estudantes para essa leitura de mundo que a análise, reflexão e interpretação do filme proporcionam.

Assim, do ponto de vista didático trata-se de utilizar o recurso áudio-visual do filme para a discussão de temas históricos, utilizando o cinema como fonte para o conhecimento da história. Entendendo que aquele material que chega até nós sob a forma de imagens é dotado de historicidade, convertendo-se, por sua função social, em testemunhos visuais de uma dada época e lugar. Neste sentido, permitindo a compreensão de como os homens constroem a vida social, expressando, e deixando registros de práticas sociais, sistemas de valores, sentimentos, comportamentos, expectativas e temores, característicos de determinada sociedade e determinado tempo.

As possibilidades de utilização do filme em sala de aula abrem assim novas perspectivas para que o estudante enquanto sujeito histórico conheça também o seu próprio momento histórico, a sociedade em que vive, e sua relação com outros homens, a percepção do eu e do outro, subsidiando a reconstrução histórica do conhecimento histórico no momento presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto podemos entender que o cinema é uma ferramenta de trabalho motivadora, inovadora, e que, mais que isso, é instrumento capaz de envolver várias competências e conteúdos para produção de conhecimento histórico. O

⁴³ NAPOLITANO, M. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, p.21, 2003.

professor ao optar por esta metodologia deve estar preparado assim para buscar uma variedade de fontes possíveis, tomando como base o contexto sócio-histórico.

Podemos colocar que a apropriação do cinema como fonte histórica pode ser dividida em duas fases. Seguindo as conclusões de Mônica Kornis, podemos dizer que houve uma primeira que se estendeu até meados do século XX. Neste período o cinema foi tomado enquanto uma espécie de reflexo, retrato fiel da realidade. Os historiadores ainda não utilizavam o filme com frequência, este, a rigor, era material de estudo principalmente de críticos e sociólogos que algumas vezes analisavam-no com vistas a fazer reflexões históricas.⁴⁴

Já na segunda fase destacada pela autora, iniciada em meados dos anos 1960, é que pertence o principal pesquisador analisado nesse trabalho, Marc Ferro. Em conjunto com as propostas de reflexão dos chamados *Annales* é que podemos dizer que foi definitivamente incorporado ao fazer historiográfica a questão da análise do cinema, e do filme, como documento e construção, representação, fragmento do real, e não o seu “reflexo”.

Neste sentido, estas mudanças colocaram em questão que toda forma de conhecimento, e aí se incluindo o cinema, seriam dadas pelo diálogo entre perspectivas pessoais do pesquisador em contato com interesses sociais, políticos e culturais do autor e de sua obra. Deste modo, ocorreria assim a incorporação e utilização do cinema como documento, fonte histórica, introduzindo-o nas preocupações da História, e, modificando as maneiras de analisá-lo.

Estas mudanças na abordagem do cinema pela História possibilitaram a elaboração de reflexões renovadas a respeito da utilização do filme no processo de ensino da disciplina. Utilizar o cinema no processo escolar para o ensino de História vem então propor a educar olhares, ensinar a ver diferente. Como analisa Carmo⁴⁵, consumidores de filmes, em geral, são espectadores passivos, sendo consumidos pelas imagens. O intuito de se utilizar o filme nos processos de ensino de História, entendendo-o enquanto documento, é aprender a compreender o cinema, e a produção do filme, como produto de um determinado contexto que exerce e traz em si características da sociedade e do autor que o produziram. Pretende-se assim a

⁴⁴ KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, p.06, 1992.

⁴⁵ CARMO, Leonardo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro**. In: Revista Ibero-americana de Educação. nº. 32, maio-agosto de 2003.

produção de conhecimento, a passagem do “espectador passivo” para o “espectador crítico”.

Desta maneira entendemos que conhecimento por parte do professor é fundamental. Por este motivo, utilizar-nos de propostas sistematizadas acerca do trabalho com o cinema em História, como as de Ferro e Mocellin, deve ser parte de um planejamento que confere credibilidade ao trabalho do filme em sala de aula como forma de produção de conhecimento histórico. Atentando a estas condições, a prioridade no trabalho com o filme enquanto documento deve ser desenvolver um roteiro, preparando a turma para que ao assistir o filme busquem direcionar seus olhares para uma interpretação crítica e contextualizada do que envolve o filme.

Cabe ressaltar que entendemos que o filme não é o único meio para estimular nos estudantes a uma construção do almejado “senso crítico” ou analisar a sociedade em que vivemos, o uso de filmes é apenas um dentre inúmeros recursos. A intenção aqui é enfatizar a possibilidade de uso do filme para que se produza conhecimento histórico, tratando o nosso objeto enquanto construção, documento, e não como uma “autoridade da verdade histórica”.

O ensino de qualquer disciplina, em nosso caso a História, é um desafio para os educadores, assim, no intuito de possibilitar um questionamento sobre o ensino da História, trouxemos o debate sobre a utilização do cinema em sala de aula nos detendo especificamente na questão do uso de filmes como uma rica e valorosa contribuição ao entendimento da história.

Através deste trabalho, procuramos demonstrar a inserção do cinema na História como um documento passível das intervenções da sociedade que o produziu. Nossa pesquisa adota o filme como estratégia didática, imputando ao professor a responsabilidade de mediador, quando este abre a seus estudantes vias de reflexão sobre a relação entre conteúdos, livros e o que se pode extrair numa leitura das imagens reveladas no filme. Neste papel, o professor permite assim uma desconstrução do que é tido como verdade histórica nos filmes, levando-os a novas posturas de compreensão e entendimento dos fatos históricos e, com isso, produzindo novas maneiras de se situar perante a sociedade da qual fazem parte.

Desta forma então esperamos ter contribuído para o estudo da utilização do cinema na sala de aula. Enfatizamos principalmente que de forma alguma o uso de filmes deve ser apresentado aos alunos simplesmente como entretenimento, trazer o

trabalho com filmes em sala de aula é abrir aos alunos novas possibilidades de analisar, interpretar e compreender o tema estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMANN, Klaus. **A história na reflexão didática**. Tradução de Augustin Wernet. Revisão de Marcos A. Silva. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, n.19: 29-42. Set. 1989 / Fev. 1990.

CARMO, Leonardo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro**. In: Revista Iberoamericana de Educação. nº. 32, maio-agosto de 2003.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., p.17, 2002.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 79-115, 1992.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida. **O cinema do povo: um projeto da educação anarquista, 1901 - 1921**. São Paulo: PUC-SP Dissertação de Mestrado, 1995.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. In: Educação e pesquisa, v.28 n.º1, São Paulo jun./2002.

GOMES, Paulo Emílio. **Crítica do cinema no suplemento literário**. v.1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KORNIS, Mônica. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 237-250.

MOCELLIN, Renato. **O cinema e o ensino da História**. Curitiba: Nova Didática. 2002.

MORRONE, Maria Lúcia. **Cinema e educação: a participação da "imagem em movimento" nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares**. São Paulo: FE/ USP, dissertação de mestrado, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2.ed. São Paulo: Contexto, p.12, 2005.

_____. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.

NOVA, Cristiane. **O cinema e o conhecimento da História**. In: O Olho da História. UFBA, nº3. Disponível em <http://www.oolahistoria.ufba.br>. Acesso em 02/02/2008.

NOVÓA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história**. In: O Olho da História. UFBA, nº.1. Disponível em: <http://www.olhodahistoria.ufba.br>. Acesso em 02/02/2008.

PAIVA, Eduardo França. **Texto e imagem no paradidático de história**. In: Presença Pedagógica, Rio de Janeiro, v. 6, n. 36, p. 13-21, nov./dez. 2000.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 6ª edição: 7-20. 2003.

_____. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2ª edição. 2005.

_____. **A História Metódica, dita “Positivista”**. In: Pós-História. Assis, SP: Editora da UNESP, nº3, p. 41-56. 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 7ª edição. 1995.

SETTON, Maria da Graça Jacintho (org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

TELES, Ângela Aparecida. **Cinema contra cinema: o cinema educativo em São Paulo nas décadas de 1920/1930**. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 1995